

O que é a Mostra Casa Nova e porque o Museu da Escola Catarinense irá sediá-la e suas consequências.

Por Sandra Makowiecky

Ter, 21 de Maio de 2013 16:35

SOBRE A MOSTRA_ O Evento MOSTRA CASA NOVA, ocorrerá nos meses de setembro a outubro de 2013, atraindo grande público para o MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE e, conseqüentemente para o Centro Histórico de Florianópolis. O Secretário do Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Florianópolis, Dalmo Vieira Filho, anunciou que o Centro Histórico está inserido no Projeto de Revitalização de Florianópolis, por isso, a MOSTRA CASA NOVA sediada no Museu da Escola Catarinense, contribuirá diretamente para a divulgação e inserção do Centro Histórico no circuito turístico de Florianópolis. O tema da 12ª Edição da referida Mostra cujo tema será Escola, Pinacoteca e Museu. A Mostra Casa Nova é o maior evento de decoração de Santa Catarina, onde arquitetos e decoradores compartilham conceitos e lançamentos do setor. Sedar tal evento possibilitaria ao Museu receber algumas melhorias que tanto precisa. Todavia, é bom salientar, são melhorias, não se trata de restauração. A restauração do imóvel será feita quando a Universidade conseguir viabilizar seu projeto, que está em trâmite no IPUF, sob a coordenação do professor Edy Genovez Luft, para avaliação e aprovação e dependerá, na seqüência, de recursos externos e internos para sua viabilização.

SOBRE O PRÉDIO_ Como é sabido, o prédio do MESC é bem imóvel tombado e classificado como P1, que significa Tombamento total, externo e interno e, portanto, quaisquer obras que venham a ser realizadas no mesmo, necessitam de autorização e supervisão da Fundação Catarinense de Cultura e do Instituto

de Planejamento Urbano de Florianópolis, do SEPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município. A escolha do Museu da Escola Catarinense segue a linha desta Mostra, que pretende dar sua contribuição na realização de melhorias em prédios históricos tombados, a exemplo do que realizaram no ano de 2012, no Grupo Escolar Silveira de Souza, que merece uma visita. Aliás, é importante frisar que fomos procurados porque o SEHAN nos indicou ao grupo que realiza a Mostra Casa Nova. Não entendo que façam uma interferência em prédios históricos, eles ajudam na recuperação destes monumentos, muitos relegados ao acaso. No caso do MESC, existe um plano de preservação arquitetônica, que será um dia executado. Espero que brevemente. O prédio é pouco conhecido, apesar de lindo e enorme. No momento, ele não dá visibilidade ao campo de pesquisa e memória pública, justamente porque poucos conhecem o Museu da Escola Catarinense, porque seu acervo não está em condições de ser consultado, sobretudo o documental e seu aspecto físico merece reparos urgentes e merece passar por uma completa restauração e preservação. Ele precisa de muita visibilidade. Ninguém preserva e gosta do que não conhece. Isso é ponto central nos afetos e na questão de preservação: “Quem gosta, cuida”. Como profissional da educação e pesquisadora, defendo a preservação do acervo do museu, no aspecto documental e arquitetônico. O projeto de conservação e restauro sem sombra de dúvidas, se guiará por princípios da historiografia da educação, bem como por princípios da museologia. Eu sempre defendi a profissionalização das áreas de conhecimento. O leigo, por desconhecimento, pode cometer muitos erros.

SOBRE OS BENEFÍCIOS_ O que conseguiremos no momento, centra-se na elaboração de projetos técnicos necessários para obtenção de licenças diversas (que o museu não possui até o presente momento) ; disponibilização de mão-de-obra e materiais para reforma parcial; reparo das imperfeições dos pisos; reparos das imperfeições e danos aparentes de reboco com argamassa mineral e pintura completa da fachada do imóvel; reforma de 04 (quatro) banheiros existentes no local para uso do público, sendo 02 (dois) banheiros no térreo e 02

(dois) no 2º (segundo) andar; caso houver instalação de aparelhos de ar-condicionado nas salas de exposição do evento, após a realização deste, ficará como benfeitoria toda a instalação das tubulações e farão ainda campanha de doação de áreas funcionais, junto aos arquitetos expositores, para que deixem como legado algumas melhorias nos ambientes montados no imóvel, após o término do evento. A meu ver, são grandes ganhos para a cedência de espaço por pouco tempo. Fora o fato de que, com a Mostra, conseguiremos viabilizar como prioridade questões internas do Museu, como substituição de estruturas que estão seriamente danificadas, como janelas e vidraças, retirada de peças de madeira com cupins, tarefa a qual me dedico incansavelmente. Há muito que adiantar neste período e nada se dará por perdido, pois os ganhos são evidentes. Incluímos a obrigatoriedade de o Museu se equipar para receber portadores de necessidades especiais.

SOBRE O ACESSO À DOCUMENTAÇÃO_ A respeito de argumentos possíveis de que com a recuperação do prédio, os pesquisadores ficarão privados de acesso à documentação, isso não procede. Neste um ano e quase meio que aqui estou, o acervo do Museu não tem sido procurado para consultas, a exceção da professora Maria Teresa Santos Cunha, que continuamente frequenta o Museu com seus alunos da disciplina Patrimônio Cultural, para a realização do estágio curricular. Assim sendo, neste caso, pedimos autorização da direção de pesquisa da Faed, para que pudesse receber o acervo do professor Elpídio Barbosa, para guarda específica do Dape e da pesquisadora, bem como ao departamento de história da UDESC. A professora e chefe do departamento de história da FAED, Cristiani Bereta da Silva, também concordou com a ida do acervo Elpídio Barbosa para guarda temporária na antiga DAPE. Assim, estas pesquisas não serão interrompidas. Nos demais casos, tudo está sendo guardado e mantido tal como se encontrava quando assumi o Museu, em abril de 2012. A rigor, por não ser da área de documentação, entrei em contato com as professoras Vera Lúcia Gaspar da Silva, Gisela Eggert Steindel e Maria Teresa Santos Cunha, mais a bibliotecária Iraci Borszcz, da BU, para que me

ajudassem na seleção do material que deveria ser mantido ou não, para futuras pesquisas. Naquele momento, elas não dispunham de carga horária para tal tarefa. O que é compreensível, pois já estavam com seus planos de trabalho comprometidos. Solicitei ajuda da Biblioteca Universitária para cedência de um/a bibliotecário/a, o que também não foi possível, devido à escassez de material humano. Solicitei a chamada de concurso público de um bibliotecário/a apenas para atender ao Museu da Escola Catarinense, o que também não foi possível, devido às restrições orçamentárias do ano de 2012, bem conhecida de todos. O que quero dizer é que os pesquisadores não serão privados de nada, pois o que aqui existe não está disponível de forma facilitada, com ou sem Mostra Casa Nova. Recordo da visita da professora Cristiani Bereta da Silva, que nos procurou, solicitando um documento que não encontramos, não porque não existisse, ao que ela nos afirmou, mas porque não havia como encontrar. Tudo necessita de guarda correta de acervo. O Museu não dispõe de museólogo/a, nem o plano de carreiras da UDESC previu este cargo, nem conta com bibliotecários/as. No momento, conseguimos contratar uma museóloga que irá nos ajudar a elaborar novo plano museológico. As professoras da FAED foram contatadas para esta tarefa, mas também não puderam assumir mais este encargo. Evidentemente que tenho toda a documentação referente a essas movimentações, pois parece que nada se faz ou fez. Não tem sido fácil administrar um Museu sem estrutura mínima, nem física, nem de recursos financeiros, nem de pessoal. Centramos então, em fazer, conforme noticiei em reportagem do Diário de Notícias, de 14 fevereiro de 2013, as seguintes metas: Contratação de profissional para elaborar plano museológico (autorizado em maio de 2013, profissional para auxiliar em projetos para concorrência em editais e programação cultural (autorizado em 2013), profissional para higienização e restauração de acervo (em trâmite). Para a restauração dos painéis em madeira da Academia de Comércio, em estado deplorável e tomados integralmente por cupins (quando foram doados ao museu, já estavam plenamente contaminados), espero contar com professores do CEPLAN, que nos visitarão no dia 24 de maio, para saber se poderão dar conta da tarefa.

Caso contrário, a UDESC terá que contratar também profissionais externos, pois é trabalho especializado. E também não sei se tais professores poderão dispor de cargas horárias em seus planos de trabalho.

Não existe documentação sendo removida sem formalização de política de guarda e preservação, pois tudo ficará no Museu, à exceção do acervo de Elpídio Barbosa. Os demais documentos permanecerão no MESC, em outras salas e devidamente embalados e protegidos, nas melhores condições de que dispomos e que todos sabem que não são as ideais, longe disso.

SOBRE A DIFICULDADE DE PRESERVAÇÃO DESTA DOCUMENTAÇÃO

Sabemos que o que se refere à documentação das escolas públicas estaduais, devemos nos reportar ao que está referida na legislação estadual de arquivos, cabendo contato com os responsáveis pelo Sistema de Gestão Documental, na Secretaria de Estado da Administração. Todavia, não sei até que ponto esta legislação dá conta das especificidades. Não sei o que dizem as tabelas de temporalidade vigentes acerca da documentação escolar produzida em âmbito estadual. Até onde sei, existem poucos documentos iconográficos e textuais, aliado ao descarte de documentos, justamente por falta de uma política mais clara e definida para o assunto, portanto, me parece ser necessária uma política estadual de preservação do patrimônio escolar. Isso é urgente. No caso do Museu, enquanto isso não ocorre, guardamos tudo o que aqui se encontra para avaliação posterior.

No ano de 2012, recebemos, através do projeto da professora Gisele, um grupo que trabalhava sob a supervisão de Lia Canola, na recuperação de documentos da Escola Lauro Muller. Para tal projeto, cedemos o espaço do Museu, bem como nossas mínimas condições para a execução do trabalho, que finalizou em fevereiro de 2013. Atuaram no Museu por aproximadamente seis meses. Lamentavelmente este acervo, conforme me foi assegurado pela professora Gisela Eggert Steindel, deveria retornar para a Escola, o que deve ter sido feito, já que em fevereiro, conforme acordo realizado previamente, o trabalho seria encerrado e a sala emprestada seria retomada. Assim foi feito, mas

lamentei a perda desse material. Todavia, a atual museologia defende que os objetos devem ficar no seu ambiente próprio e lá, devem ser preservados. Concordo com esta posição, vista por este prisma. Espero que a Escola Lauro Muller, já em posse de seu acervo, possa servir de local de pesquisas frutíferas para história da educação em Santa Catarina, mesmo sabendo que certamente enfrentarão e enfrentam os mesmos problemas com os quais lidamos no Museu da Escola Catarinense. No caso do MESC, devemos ter um plano de preservação documental que obedeça a legislação de área. Esse é um ponto bem problemático. Na falta de saber o que guardar e na impossibilidade de contar com profissionais da própria UDESC, nós guardamos tudo, mas estou consciente de que este não deve ser o caminho. Espero que as pessoas que trabalham na área se mobilizem cada vez mais, para que este sério e importante assunto seja posto na mesa de debates e busca de soluções.

SOBRE NOVOS USOS PARA O MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE

Imagino que alguns profissionais devam estar com receio de que estejamos pensando em dar outros usos para o espaço do Museu da Escola Catarinense. Afirmo que isso nunca esteve nos meus planos. Quero sim, realizar o que já constava dos planos iniciais do Museu, ou seja, um Museu adaptada para ser também um espaço cultural ativo. Nada mudou, ele foi assim concebido e assim será mantido. Assim está aprovado na Universidade e sou bastante legalista. Isso só será modificado se a Universidade assim o desejar. Não farei nenhum movimento neste sentido. E evidente está que o MUSEU não se tornará um centro de eventos de decoração, como podem insinuar.

Aos que me conhecem, tenho atuação na área de preservação e patrimônio e desta forma, não custa relembrar algumas de minhas publicações, reforçando minha persistência na preservação da memória, sobretudo em Florianópolis e no pensamento em geral.

A área da cultura é frágil e nos fragilizamos ainda mais, pois sempre existem resistências a qualquer coisa que se queira fazer. Sempre existe mais críticas do que estímulo, sempre existe mais desconfiança, sempre é mais fácil jogar

pedras do que ajudar. Lamentavelmente é isso que ocorre. E nessas horas ninguém pensa que as pessoas que estão no comando de tais espaços ou ações querem o melhor para a Instituição, dentro de uma visão de vida pautada no assunto. As vezes merecemos crédito ou o benefício da dúvida, não?

Não existe contra, existe a FAVOR DO PATRIMÔNIO.

Síntese de atuação (Lattes) :

SANDRA MAKOWIECKY

Possui graduação em Lic. Ed. Artística Habilitação Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina, especialização em Arte - Educação pela UDESC; Mestrado em Gestão do Desenvolvimento e Cooperação Internacional pela Universidade Moderna de Lisboa e Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina - graduação, mestrado e doutorado em Artes Visuais do Centro de Artes, conceito capes 4. Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte Seção Brasil Aica Unesco - ABCA. Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte - AICA. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte - CBHA. Membro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas - ANPAP. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de SC - IHGSC. Membro do Fórum de Pró Reitores de Graduação de 2004 a 2012- FORGRAD. Pró Reitora de ensino de graduação da Udesc nos anos de 1994 a 1998, de 2004 a 2008 e de 2008 a 2012 em terceira gestão. Vice - Presidente ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas no biênio 2007-2008. Vice coordenadora do Fórum de pró - reitores de graduação da região sul - 2010-2011. Coordenadora do MESC - UDESC Museu da Escola Catarinense. Tem experiência na área de Artes atuando principalmente nos seguintes temas: arte, cultura, artes plásticas, representação, imagem, memória, patrimônio histórico, cidades e ensino.

No ano de 2013, foi indicada ao prêmio Sérgio Milliet (no total, foram indicadas três publicações no Brasil) por pesquisa publicada, pela Associação Brasileira de Críticos de Arte, como o trabalho que mereceu a resenha abaixo:

Sandra Makowiecky. *A representação da cidade de Florianópolis na visão de artistas plásticos.* 474p. Il. Color. Patrocínio FAPESC. Florianópolis: DIOESC, 2012. ISBN 978-85-64210-65-3

Livro de consulta e resgate de memória é fruto de tese de doutorado e foi agraciado com mérito de projeto de pesquisa científica e inovação. Distribuído em 17 capítulos com formatos semelhantes, revela o rigor da pesquisa em fontes primárias e aprofundamento de metodologia embasada em filósofos contemporâneos. A viagem visual inicia-se com os artistas estrangeiros no século 18, em Santa Catarina, aprofunda-se nos clássicos do 19 como Victor Meirelles e adentra a modernidade, década a década, até o final do século 20. São analisadas a formação de cada artista (Europa/ EEUU/Brasil/Florianópolis) e as obras, com um olhar diferenciado a pintar Florianópolis. Em cada capítulo há a contextualização cultural daquela época, as correntes artísticas europeias, brasileiras e as locais inserindo o olhar diferenciado sobre a urbe. Contém 24 páginas que revelam suas bibliografias e fontes primárias e um apêndice de ilustrações, tornando esta publicação obra ímpar de referência.